

OS TOPÔNIMOS NA PAISAGEM LINGUÍSTICA DA AV. ZELINA, EM SÃO PAULO: UM ENCONTRO NA INTERDISCIPLINARIDADE

THE TOPONYMS IN THE LINGUISTIC LANDSCAPE OF AV. ZELINA, IN SÃO PAULO: A MEETING IN INTERDISCIPLINARITY

Denize Terezinha Teis- UNIOESTE/UTFPR¹

Márcia Sipavicius Seide-UNIOESTE²

Patrícia Lucas-UNIOESTE³

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar, sob um viés interdisciplinar, cinco nomes de lugares localizados na região da Av. Zelina, a qual está localizada na região leste da cidade de São Paulo, capital do Estado de São Paulo. Na primeira seção, são apresentadas as áreas da Toponomástica e da Política Linguística, que dialogam neste artigo. Na segunda seção, os nomes são analisados como topônimos e como parte da paisagem linguística da região. Os resultados desta pesquisa evidenciam que os topônimos não são apenas parte da paisagem linguística de onde são encontrados, eles remetem à história ao prestar homenagem à etnia e à cultura daqueles que fizeram parte da constituição do bairro de que fazem parte, evidenciando a interdisciplinaridade entre História e Toponomástica. Eles também indicam que a paisagem linguística faz parte da paisagem cultural, resultado que aponta para as relações existentes entre Toponomástica, Política Linguística e Geografia Cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Toponomástica; Política Linguística; paisagem linguística; paisagem cultural.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analysis, under an interdisciplinary point of view, five places names located in the region of Avenue Zelina situated on the eastern region of São Paulo city, in the capital of São Paulo the state, Brazil. The first section of the paper presents the research fields that are called to dialogue: Toponomastics and Linguistics Politics. The second section, those names are analyzed as toponyms and as part of the linguistic landscape of the region. Research results evidences that toponymys are not only part of linguistic landscape when they are found, as they point to the history especially when the name is chosen to pay tribute to the ethnicity or the culture of those who were part of the history of the district creation. This result evidences the interdisciplinary relation between History and Toponomastics and also shows that linguistic landscape is part of cultural landscape, result that points to existing relation between Toponomastics, Linguistics Politics and Cultural Geopraphy.

KEYWORDS: Toponomastics; Linguistics Politics; linguistics landscape; cultural landscape

¹ Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Unioeste campus de Cascavel-Paraná. Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná campus de Pato Branco. E-mail: denizeteis@hotmail.com.

² Professora associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Docente do Curso de Letras da Unioeste, campus de Marechal Cândido Rondon. Docente e orientadora de Mestrado e de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste, campus de Cascavel. E-mail: marciaseda4@hotmail.com.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Unioeste campus de Cascavel. E-mail: patricialucas85@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

As mudanças sociais decorrentes do surgimento de contextos cada vez mais multilíngues implicam em transformações na “paisagem linguística” desses contextos. Para Silva, Pires-Santos, Jung (2016), a paisagem linguística refere-se à língua em espaços públicos, abertos, expostos e compartilhados por todos. Essa noção, para as autoras, “corresponde à combinação da língua utilizada em anúncios e letreiros comerciais, placas de ruas e estradas, placas de edifícios públicos e outros textos escritos no espaço público de um território, cidade ou região” (SILVA, PIRES-SANTOS E JUNG, 2016, p. 1262).

Conforme essas autoras, a paisagem linguística pode ser configurada tanto por políticas linguísticas *top-down* quanto por políticas *bottom-up*. A primeira refere-se aos textos regulados por autoridades públicas (como em signos governamentais, edifícios públicos, nomes de ruas, placas de localização ou placas turísticas, etc.), e a segunda, aos colocados em prática por pessoas privadas (por exemplo, nos textos de lojas, associações, empresas, restaurantes, bancos, anúncios publicitários, etc.).

A paisagem linguística de diferentes contextos tem sido uma temática de interesse das pesquisas em Política Linguística, uma vez que suas conclusões permitem estabelecer relações entre ideologias e representações linguísticas que são atribuídas a diferentes contextos nos quais e com os quais as pessoas interagem e onde circulam. Os nomes de ruas, de lojas e de empresas, por sua vez, podem ser analisados tanto como parte da “paisagem linguística” como nome de lugares, os chamados topônimos que são objeto de estudo da Toponomástica, área da linguística responsável pela investigação dos nomes dos lugares. Essa dupla possibilidade interpretativa legitima o ponto de vista adotado nesta pesquisa que almeja o estudo de uma seleção de nomes de lugares, observados ao longo da Av. Zelina do bairro de mesmo nome, localizado na zona leste da cidade de São Paulo como componentes da paisagem linguística e como topônimos a partir de um ponto de vista interdisciplinar.

Este artigo está organizado em duas seções. Na primeira, são apresentados os propósitos e perspectivas teóricas dos estudos identificados como toponomásticos e daqueles que se inscrevem nos estudos sobre a paisagem linguística e conta com alguns exemplos de estudos realizados por cada uma dessas áreas de conhecimento. Na segunda, são descritos e analisados uma seleção de topônimos de nomes de lugares e nomes comerciais ao longo e nas proximidades da Av. Zelina, principal via de acesso do Bairro Vila Zelina, em São Paulo, como topônimos que ajudam a criar a paisagem linguística da região.

1 Toponomástica e pesquisas sobre “paisagens linguísticas”: um encontro na interdisciplinaridade⁴

A Toponomástica é uma subárea da Onomástica que estuda os nomes de lugar: povos, rios, montes, vales, cidades, etc. Para Coseriu (1999, p. 15), a Toponímia refere-se a um “conjunto de nomes de lugar”, enquanto que a Toponomástica corresponde à “disciplina que os estuda”. Os topônimos surgem devido à necessidade que o ser humano tem de denominar de alguma maneira o espaço físico no qual interage de modo a reconhecê-lo e diferenciá-lo dos demais (DICK, 1987; 1990). Os nomes costumam refletir características específicas que ajudam a identificar esse espaço físico. Tais características podem fazer referência à cor do terreno, à flora, à fauna, aos procedimentos agropecuários, acontecimentos históricos, nomes de pessoas, entre outros (CABRERA, 2002).

⁴ Uma versão preliminar desta seção foi apresentada como trabalho final da disciplina Políticas Linguísticas e Ensino do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, ministrada pela profa. Dra. Maria Elena Pires-Santos, no segundo semestre de 2017.

Para dar conta de todos os aspectos envolvidos na nomeação, a Toponomástica é uma área de estudos interdisciplinares que se localiza no grande campo dos estudos lexicais, mas que transcende o conhecimento linguístico propriamente dito, pois necessita do auxílio da História, da Geografia, dos Estudos Culturais, entre outros. Como defende Dick, a Toponomástica “é uma disciplina que se volta para a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Psicologia Social e, até mesmo, à Zoologia, à Botânica, à Arqueologia, de acordo com a formação intelectual do pesquisador” (DICK, 1990, p.2). Um estudo nessa área permite resgatar aspectos da memória social de um povo, sem deixar de considerar o seu contexto histórico, geográfico e social étnico (DICK, 2007).

A Toponomástica se detém, exclusivamente, no estudo dos nomes de lugares os quais nem sempre estão expostos em placas e textos escritos oferecidos à visualização pública. Por exemplo, um morro batizado informalmente como “morro da fumaça” em uma cidade do interior do Brasil, não necessariamente será identificado por meio de uma placa, porém isso não impede que seja assim conhecido pelos habitantes da região na qual se localiza e que este topônimo espontâneo, não oficializado, faça parte da toponímia local e seja objeto de estudo do toponomista.

O mesmo não ocorre com o estudioso da paisagem linguística, que se interessa, exclusivamente, pelas manifestações linguísticas escritas, portanto, visuais e semióticas nos diferentes espaços sociais. Além disso, o estudo da paisagem linguística não se restringe à análise dos nomes de lugar expostos em placas ou letreiros, mas a todo e qualquer tipo de linguagem escrita manifestada no ambiente físico-social e que revela a identidade linguístico-cultural de uma população, suas experiências de contato linguístico-cultural, os valores e as ideologias dos indivíduos que ali interacionam e a existência de cenários plurilíngues e multiculturais, como, por exemplo, um cartaz publicitário colado num poste na via pública.

O termo paisagem linguística, atribuído a Landry e Bourhis, “surgiu com a necessidade de demarcar os limites linguísticos de determinado território através da regulação do uso da linguagem em espaços públicos” (SILVA, PIRES-SANTOS, JUNG, 2016).

Conforme Silva, Pires-Santos e Jung (2016, p. 1262), “a paisagem linguística de uma região, além de evidenciar como o multilinguismo é semiotizado no espaço público, pode funcionar como um marcador ‘informativo’ e ‘simbólico’ do poder e do *status* das comunidades linguísticas que habitam o território”. A função informativa refere-se àquela que “delimita as fronteiras territoriais de um grupo linguístico ao indicar que uma ou várias línguas podem ser utilizadas na comunicação” (ibidem, p. 1262). A função simbólica, por outro lado, “se refere ao valor e *status* das línguas tal e como um grupo as percebem em comparação com outros grupos” (ibidem, p. 1262).

As autoras assinalam que os marcadores informativos ou simbólicos dos textos escritos no espaço público dão evidências da vitalidade das línguas e demonstram a presença do multilinguístico ou da superdiversidade expressa na paisagem linguística. Tais marcadores, ainda, visibilizam as políticas linguísticas⁵ *de facto* as quais se referem aos mecanismos/canais por meio dos quais as políticas linguísticas são reproduzidas e manifestadas na sociedade. Shohamy (2006)⁶, citada por Silva, Pires-Santos e Jung (2016, p. 1261) argumenta que a “‘linguagem no espaço público’ serve como um mecanismo para afetar, manipular e impor práticas de linguagem”.

Os contextos multilíngues e a diversidade revelam-se a partir da paisagem linguística, por isso, fazem parte do escopo da disciplina de Política Linguística desde o seu surgimento, na segunda metade do século XX. Coulmans (2009, p. 6) informa que as pesquisas voltadas para a paisagem linguística devem ser guiadas pelas perguntas: “quem está apto a ler esse sinal?” e “quem o

⁵ As autoras adotam a definição proposta por Maher (2013) sobre a política e o planejamento linguístico. Essa estudiosa entende “a política linguística e o planejamento linguístico como mutuamente constituídos, e por isso, não devem ser vistos como processos independentes ou dissociados”. Desse modo, “o termo política linguística [é empregado] tanto para a determinação das grandes decisões referente às relações entre as línguas e a sociedade, como para a implementação destas decisões, com vistas a modificar a realidade linguística”.

⁶ SHOHAMY, E. Language Policy: hidden agendas and new approaches. Routledge: Oxon, 2006. <https://doi.org/10.4324/9780203387962>

escreveu?” Essas perguntas demonstram que a linguagem encontrada no meio ambiente é motivada por fatores de ordens diversas e imprimem mensagens sobre as sociedades, a cultura, os indivíduos, a economia, identidades, formas de representação. Dito de outra forma, a paisagem linguística é também uma paisagem sócio-histórica e cultural.

Ou seja, as pesquisas em paisagem linguística, assim como os estudos toponomásticos caracterizam-se pela interdisciplinaridade. Porém, em razão das especificidades que constituem cada uma dessas áreas, as pesquisas em “paisagem linguísticas” fazem parte do escopo da Linguística Aplicada. As pesquisas toponomásticas, por outro lado, dada a diversidade de assuntos que podem servir como objetos de investigação, não se envolvem de forma direta com os interesses das pesquisas em políticas linguísticas – embora os topônimos possam servir para a consolidação de uma política linguística específica – e, por isso, podem pertencer ao escopo de outras áreas, tais como da Linguística, da História, da Geografia Cultural, entre outras.

Para melhor compreensão das questões acima mencionadas, a seguir serão apresentadas algumas pesquisas da toponomástica e da paisagem linguística com o objetivo de exemplificar a diferença entre elas e como ambas se utilizam da interdisciplinaridade para o seu desenvolvimento.

Um exemplo de pesquisa que relaciona Linguística e História, dentro dos estudos toponímicos, é apresentada no texto “A história além das placas: os nomes de ruas de Maringá (PR) e a memória histórica” de autoria de Reginaldo Benedito Dias (2000). Para mostrar a intersecção dessas duas áreas do conhecimento, o autor analisa os nomes das ruas dos bairros da cidade de Maringá associando-os a determinados fatos históricos. Para este estudioso, este tipo de nomeação faz parte de um processo “caracterizado pelo esforço de perenização da memória de personagens e fatos da história nacional ou local” (p. 103). Em outros termos, “trata-se de recorrente forma de reprodução e perpetuação da chamada história oficial, baseada no culto à genealogia da nação e edificação do Estado nacional, assim como aos fatos e personagens correspondentes” (DIAS, 2000, p. 103).

O autor nota, contudo, que esse processo não é fixo e imutável, mas sim dinâmico, uma vez que ocorre de acordo com a ideologia e os valores de cada época, não sendo raros os casos de substituição toponímica. Dias (2000) também assinala que as ruas de Maringá, a exemplo do que ocorre em outras cidades, foram palco para a perpetuação de nomes de personagens e de fatos da história oficial, nacional e local. Além disso, afirma que, ao estudar a história da cidade mais a fundo, percebeu que o processo de denominação das ruas, longe de ser estático, foi dinamicamente se adequando aos novos objetivos, modificando o planejamento inicial (DIAS, 2000, p.119).

O estudo realizado por Jörn Seemann (2005), professor da disciplina de Geociências, da Universidade Federal do Cariri (UFRCA), e intitulado “A Toponímia como construção histórico-cultural: os exemplos dos municípios do estado do Ceará, por sua vez, ampara-se na perspectiva histórica da geografia cultural. O autor propõe mostrar as facetas político-culturais da toponímia, utilizando como exemplos os recortes ilustrativos da toponímia brasileira encontrados no estado do Ceará. A partir da análise da toponímia dos municípios do Estado do Ceará, o autor apresenta a influência da política nacionalista de Getúlio Vargas (1940-1960) na seleção toponímica do estado, o que resultou na substituição de vários topônimos não indígenas por topônimos tupis.

A pesquisa de Rosa Lídia Coimbra e Lourdes de Castro Moutinho (2012), intitulada “Perfumaria Paris e Pizzaria Romana: topônimos europeus em nomes de empresas de Portugal” teve o objetivo de aferir a presença de nomes estrangeiros nos estabelecimentos comerciais de Portugal. Diferentemente dos estudos toponímicos realizados por Dias (2000) e Seemann (2005), ilustrados anteriormente, essa pesquisa se enriquece com os estudos da Publicidade. Essa relação interdisciplinar, segundo Coimbra e Moutinho (2012), ocorre porque a escolha de um nome para um estabelecimento comercial tem total relação com o mercado publicitário.

O *corpus* constituído por Coimbra e Moutinho (ibidem) constou de 648 nomes empresariais que fazem remissão aos topônimos e patronímicos do espaço geográfico europeu. Os resultados foram apresentados em sete gráficos nos quais se pode observar a predominância de nomes

alusivos à Itália nos estabelecimentos comerciais voltados à gastronomia, e à França nos estabelecimentos comerciais relacionados à moda e à cosmetologia. Esses resultados, segundo as autoras, reforçam a ideia de que a escolha de um nome para um estabelecimento comercial não é feita de modo aleatório, pois obedece aos laços afetivos e também busca prender a atenção do consumidor como acontece no discurso publicitário.

O artigo “Multilinguismo e política linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça”, de autoria de Silva, Pires-Santos e Jung (2016), apresenta os resultados de uma pesquisa sobre paisagem linguística. As autoras, a partir da constatação de que os efeitos das mudanças na sociedade têm contribuído para a super-diversificação, isto é, uma diversificação da diversidade e para o aumento de cenários cada vez mais plurilíngues e multiculturais, propõem a investigação de como a paisagem linguística da cidade transfronteiriça de Foz do Iguaçu/PR⁷ semiotiza o multilinguismo no espaço público, e de quais políticas linguísticas circunscrevem este contexto. O *corpus* do trabalho constituiu-se a partir de captação fotográfica, de “uma amostra representativa de textos da paisagem linguística da cidade por meio de diferentes suportes (placas informativas para turistas, anúncios publicitários, nomes de lojas, letreiros, entre outros)” (SILVA; PIRES-SANTOS, JUNG, 2016, p. 1263).

De acordo com as autoras, a análise dos dados possibilitou concluir que o multilinguismo registrado na paisagem linguística de Foz do Iguaçu tem influência dos processos de globalização, especialmente por meio do inglês, que semiotiza também o interlocutor turista, e dos diferentes fluxos migratórios, com maior expressão dos grupos de língua árabe, que tem sua língua e cultura marcada no centro e no bairro próximo à fronteira do Paraguai. Silva, Pires-Santos e Jung (2016) constataram as assimetrias quanto à circulação das línguas no tecido urbano, principalmente com relação às línguas fronteiriças, o guarani e o espanhol, que são quase invisíveis na paisagem linguística iguaçuense.

O estudo mostrou, portanto, que a ordenação do espaço urbano da cidade é semiotizado, semiotiza diferentemente as línguas e comunidades linguísticas que vivem nesse espaço, e que a paisagem linguística é reveladora de políticas linguísticas e culturais locais. Isto mostra que o ordenamento do espaço e os textos nele escritos podem constituir formas de agência e enunciar diferentes identidades e ideologias. Desse modo, o espaço físico é também um espaço social, cultural e político (BLOMMAERT, 2012⁸ *apud* SILVA, PIRES-SANTOS, JUNG, 2016).

Outro exemplo de estudo que discute a realidade dinâmica e crescente em termos de contatos linguísticos-culturais em tempos de (super)diversidade na paisagem linguística é apresentado no artigo intitulado “Paisagem linguística e repertórios em tempos de diversidade: uma situação em perspectiva”, de autoria de Soares, Lombardi e Salgado (2016). Nessa pesquisa, as autoras recorrem a um estudo qualitativo etnográfico baseado em notas expandidas, feitas por elas mesmas, e em fotografias da paisagem linguística da cidade de Juiz de Fora (MG). As fotografias retratam pichações, placas de lojas e até mesmo nomes de prédios que se distribuem pelos diferentes bairros da localidade. O objetivo foi “descrever comportamentos e o cenário como um todo, através de observações e da interpretação dos dados coletados” (*ibidem*, p. 210).

Os dados obtidos demonstraram que os repertórios comunicativos são diversificados na cidade devido a distintas influências que vão desde aspectos migratórios (no sentido étnico e, conseqüentemente, linguístico-cultural) – uma vez que a cidade recebeu diferentes nacionalidades – a aspectos ligados à globalização (mídia, internet, tecnologias e etc.).

⁷ A cidade de Foz do Iguaçu, cenário da pesquisa, localiza-se na região transfronteiriça de Brasil, Argentina e Paraguai. Caracteriza-se por uma diversidade marcante. Conforme os dados da prefeitura municipal possui “habitantes de cerca de 80 nacionalidades, sendo os grupos mais representativos de imigrantes oriundos do Líbano, China, Paraguai e Argentina” (p.1263). Porém, conforme assinalam as autoras, o dado “referente a grande quantidade de etnias gera controvérsias, já que não se tem conhecimento de um levantamento específico sobre essa diversidade” (p.1263).

⁸ BLOMMAERT, J. *Ethnography, Super-diversity and Linguistic Landscapes*, 2012. Disponível em: <<https://www.academia.edu/>>. Acesso em 18 de maio de 2016.

As autoras concluíram que o espaço urbano da cidade de Juiz de fora apresenta uma paisagem linguística plural constituída por recursos diversos, isto é, “por fragmentos de sistemas linguísticos que se configuram como entidades ideológicas e políticas que dão origem às distintas línguas do mundo social” (ibidem, p. 217).

As fotografias da paisagem linguística de Juiz de Fora evidenciaram fragmentos do inglês, do espanhol, do chinês, do árabe, do português, entre outras línguas. Todas essas línguas refletem aspectos da heterogeneidade sociocultural presente na cidade. Os exemplos de pichações levantados pelas autoras, por exemplo, revelam “uma mistura de fragmentos de diferentes políticas linguísticas como na inscrição “El Barto” encontrada em uma pichação, em que se percebe a referência ao desenho norte-americano “Os Simpsons”, e o uso do “el” proveniente do espanhol.

Em outra fotografia feita da fachada de um estabelecimento comercial “Persombrink”, as autoras discutem a origem da palavra, que a princípio parece inglês, a qual, segundo elas, está relacionada ao valor “socioeconômico” desses recursos e complementam:

‘Person’ (com “n” final no inglês padrão) significa pessoa. Na placa da loja de brinquedos, como a palavra é seguida de “brink”, foi usado o m. No português, usa-se “m” antes de “p” e “b”, o que mostra a influência clara de um código no outro. O termo “brink” pode sugerir “brincar” para o falante do português, mas significa “beira”, borda ou “canto”, em inglês, sem qualquer relação com venda de brinquedos (SOARES; LOMBARDI; SALGADO p.214, 2016)

As paisagens fotografadas demonstraram, portanto, a materialização dos superdiversificados repertórios comunicativos dos habitantes da cidade, assim como a complexa relação que se estabelece entre os usos da língua e o espaço físico social, palco do processo de interação. Dito de outro modo, o repertório comunicativo da população da cidade de Juiz de Fora é diversificado e tal realidade pode favorecer variações na língua e na cultura local, modificando os repertórios comunicativos dos indivíduos presentes nesse cenário.

Diante das pesquisas aqui apresentadas sobre paisagens linguísticas e toponomástica e considerando as especificidades de cada uma área, pode-se observar que há coincidência na interdisciplinaridade que lhes constitui.

Os topônimos são objetos de investigação dos estudos toponomásticos e podem sê-lo, também, das pesquisas sobre paisagens linguísticas, porém, o olhar sobre esse objeto é diferenciado conforme se pode verificar com as pesquisas ilustradas nesse texto. Quando os topônimos são investigados pelas pesquisas sobre paisagens linguísticas, observa-se o enfoque sobre as línguas usadas na comunidade e sua relação com as políticas linguísticas. Na pesquisa de Silva, Pires-Santos e Jung (2016) constatou-se que o multilinguismo registrado na paisagem linguística da cidade de Foz do Iguaçu é produto dos processos de globalização e dos fluxos imigratórios constitutivos desse espaço. O trabalho dá destaque às línguas que semiotizam o espaço urbano da cidade e que são, conseqüentemente, por ele semiotizadas. Essas conclusões possuem relação direta com as investigações de políticas linguísticas, pois permitem constatar que a paisagem linguística é reveladora dessas políticas que marcam a cidade e das culturas locais. No trabalho de Soares, Lombardi e Salgado (2016) também se observa a relação entre cultura local e repertórios linguísticos dos habitantes de uma cidade, nesse caso, de Juiz de Fora (MG).

Por outro lado, as pesquisas toponomásticas ilustradas permitem constatar a relação entre Linguística e História, entre Linguística e Geografia Cultural e entre Linguística e Publicidade. Portanto, não foi propósito desses estudos abordar sobre as línguas que circulam nos contextos pesquisados ou sobre o que com elas se registra, ou ainda sobre como estão registradas questões que interessam aos estudiosos das paisagens linguísticas.

A pesquisa de Reginaldo Benedito Dias (2000) sobre os nomes das ruas dos bairros da cidade de Maringá permitiu relacionar topônimo e a história oficial, a partir de personagens e fatos da história nacional e local. O estudo realizado por Jörn Seemann (2005), por sua vez, relaciona

os nomes de municípios do estado do Ceará com elementos históricos da geografia cultural. E o de Coimbra e Coutinho (2012) relaciona os topônimos à publicidade.

Todos esses estudos, caso pretendessem, poderiam ampliar o escopo de investigação para identificar, por meio dos topônimos, a cultura linguística dos locais investigados, o que sem dúvidas, traria contribuições valiosas para os estudos de políticas linguísticas. Aos pesquisadores da Toponomástica ou das paisagens linguísticas se faz necessário realizar um recorte por meio do qual realizem uma escolha sobre os aspectos que pretendem focalizar e sobre qual base teórica realizará sua análise. De qualquer modo, ambas as áreas se destacam pela importância de suas pesquisas o que, conseqüentemente, as torna áreas de conhecimento de grande pertinência nas ciências humanas, cada uma contribuindo a sua maneira, sobre os modos pelos quais os seres humanos constroem suas identidades, culturas e relações sociais.

Diferente das pesquisas apresentadas anteriormente que se apoiam em uma das áreas, ou seja, nas paisagens linguísticas ou na toponomástica, na seção seguinte, propõe-se uma análise toponímica, enriquecida pelo viés dos estudos da paisagem linguística.

2 Os topônimos na paisagem linguística da Av. Zelina

Como foi comentado na seção anterior, tanto a Toponomástica quanto os estudos da paisagem linguística surgida no bojo da Linguística Aplicada são interdisciplinares. A natureza interdisciplinar desses estudos fica patente quando se considera a conceituação de paisagem cultural oriunda da Geografia, da qual parece derivar o conceito de paisagem linguística.

À primeira vista, a paisagem pode ser definida como tudo aquilo que o olhar abrange, o conjunto de imagens que um indivíduo capta e decodifica com o seu olhar. Contudo, não há nada de neutro, objetivo ou passivo nesta análise da realidade semiótica circundante. A paisagem é, nessa perspectiva, resultado da percepção subjetiva de quem a vê.

As imagens reproduzidas a seguir, tiradas *in loco* em dezembro de 2016, formam um texto-mapa simbólico. Na foto 1, há a fachada de uma imobiliária nomeada com o nome *Kaunas*, grafado conforme a língua lituana, sem alteração ou adaptação. *Kaunas* é o nome da segunda cidade mais importante da Lituânia. Trata-se de um corotopônimo, uma vez que é um nome de lugar que faz homenagem a outro nome de lugar (DICK, 1987). Considerando a origem do bairro do qual a avenida faz parte, a Vila Zelina, o corotopônimo faz referência ao local de origens de parte considerável dos primeiros moradores do bairro, os quais são de origem lituana.

Segundo Coulmans (2006), quando se analisa um escrito como componente da paisagem linguística, é preciso questionar quem está habilitado a ler o que está escrito, em outras palavras, para quem o escrito é um sinal. Considerando àquele a quem o sinal foi criado, isto é, seus supostos interpretantes, pode-se dizer que o denominador pressupôs que o interpretante saberia que o nome de seu estabelecimento é o nome de uma cidade lituana e perceberia a homenagem prestada, ou seja, o sinal remete a pessoas que têm conhecimento a respeito da Lituânia, ou que também sabem sobre a migração deles ao Brasil e da existência de lituanos e descendentes de lituanos na região ou disto suspeitam ao verem tais nomes. A percepção desta intenção, por sua vez, é responsável pela interpretação do espaço com um lugar dos lituanos e seus descendentes.

Foto 1 - Imobiliária Kaunas



Fonte: Arquivo pessoal de Bruno Sipavicius Seide

Na foto 2, há a fachada do estacionamento de outra imobiliária, cujo nome é Lituânia, um corotopônimo que presta homenagem ao país de onde provêm boa parte dos moradores do bairro. Neste caso, diferentemente no nome *Kaunas*, o topônimo está escrito em língua portuguesa, na língua lituana o país se chama *Lietuva*. As cores utilizadas na placa remetem às cores da bandeira lituana, mas com alteração na ordenação. Na bandeira do país, há, na parte superior, uma faixa amarela, no meio, uma faixa verde e, por último, uma faixa vermelha. Considerando que as cores verde e amarela fazem parte da bandeira do Brasil e a união da faixa verde com a faixa amarela na placa é uma representação simplificada desta bandeira, que também simboliza a nacionalidade brasileira, é possível que a inversão da ordem das cores corresponda a uma intenção de unir os símbolos de ambas as nações, numa intenção de sinalizar que os lituanos do Brasil e seus descendentes são também brasileiros e consideram ter uma identidade hifenizada: são lituanos-brasileiros. A foto 3 mostra a fachada de uma ótica que também faz homenagem ao país báltico, cujo nome também é escrito em língua portuguesa.

Foto 2- Lituania Imóveis



Fonte: Arquivo pessoal de Bruno Sipavicius Seide

Foto 3- Ótica Lituânia



Fonte: Arquivo pessoal de Bruno Sipavicius Seide

Já a foto 4 mostra o nome de uma rua transversal, a rua *Meru*, que homenageia o rio lituano de mesmo nome. Cumpre ressaltar que, neste caso, há a utilização de um topônimo escrito no idioma lituano, como ocorreu com o topônimo *Kaunas*. Em ambos os casos, não houve tradução do topônimo, ao contrário do que houve com o topônimo *Lituânia* usado para nomear uma imobiliária e uma ótica.

Foto 4- Placa Rua Meru



Fonte: Arquivo pessoal de Bruno Sipavicius Seide

Foto 5- Placa Pushkin



Fonte: Arquivo pessoal de Bruno Sipavicius Seide

A foto 5 mostra uma placa na qual se visualiza o nome de uma “praça” no bairro de Vila Prudente, em São Paulo. Na verdade, não se trata de uma praça propriamente dita, mas sim de uma área verde entre vias, um tipo de espaço que, na cidade de São Paulo, não costuma ter um nome. Este espaço foi nomeado no dia 13 de junho de 2013. A foto 5 foi tirada ao final da avenida, o nome na placa está em russo. A atribuição do topônimo *Praça Pushkin* ao lugar nomeado homenageia um poeta russo e contrasta com as demais por se referir à nacionalidade russa e pressupor, como intérpretes desse sinal, pessoas conhecedoras, talvez admiradoras, da cultura e da nacionalidade russas e da existência de russos e descendentes na região.

Logo depois desta nomeação, houve publicação de uma matéria jornalística num jornal de bairro chamado “Gazeta Russa” em 18 de junho de 2013. O título da matéria é “Praça em São Paulo homenageia Pushkin” e o subtítulo é “Espaço público na Vila Prudente leva o nome do famoso escritor e poeta russo”. Ao longo da matéria, há mais informações enciclopédicas sobre o poeta, entre elas, a de que ele é “considerado o maior poeta e fundador da literatura moderna

nacional” (aqui o termo “nacional” refere-se à Rússia e não ao Brasil). Na notícia, há uma foto do espaço e a legenda que explica: “Bairro que recebeu praça em homenagem a Pushkin reúne uma grande comunidade de russos” (GOLUB, 2013, s/p).

A presença de topônimos que remetem à nacionalidade lituana e à nacionalidade russa se explica pela história de constituição do bairro criado a partir da venda de uma extensa fazenda que

(...) compreendia as áreas conhecidas hoje como Vila Ema, Vila Diva, Vila Guarani, Vila Zelina, Vila Bela, Jardim Independência, Vila Alpina, Parque São Lucas, Parque Santa Madalena, Fazenda da Juta, Vila Industrial e Jardim Guairaca. Após a morte desse comerciante, um de seus parentes vendeu estas terras que eram conhecidas como Campo Grande, aos irmãos Emídio, Panfilo e Bernardino Falchi, sendo estes imigrantes italianos, no dia 04 de outubro de 1890(...) mais tarde a região recebeu o nome do então presidente do Brasil, Prudente de Moraes pois este apoiava a iniciativa da expansão urbana iniciadas pelos Falchi sendo chamada assim de “Vila Prudente de Moraes” (MEDEIROS, 2010, p.2)

Ainda segundo Medeiros, os irmãos Falchi foram responsáveis pela transformação da região, pois lá instalaram uma fábrica de doces, uma vila operária e “loteamentos para a moradia de operários (...) na sua grande maioria recém-imigrados de países como Itália, Espanha, Portugal, Lituânia e Rússia, sendo estes dois últimos fundadores de grandes comunidades sociais e religiosas no bairro” (MEDEIROS, 2010, p.2)

Um dos vendedores designados para vender esses loteamentos foi o senhor Carlos Corkisco, também conhecido como Carlos Korsiski:

No século 19, o bairro (...) era chamado de Baixos do Embaúba. Na época, enquanto a região começava a atrair estrangeiros, bairros vizinhos, como o Vila Prudente, já tinham fábricas e atividades comerciais (...) O primeiro registro do bairro é de 27 de outubro de 1927, quando foram feitos alguns loteamentos. O proprietário de terras Cláudio Monteiro Soares filho e o russo recém-chegado Carlos Corkisco se ocuparam da venda dos terrenos. A família desse imigrante, aliás, mantinha contato com pessoas do Leste Europeu, e foi responsável pela chegada de muitos deles a São Paulo (OLIVEIRA, 2011).

A grafia usada por Oliveira remete ao modo como o sobrenome foi grafado em sua certidão de nascimento, época em que a Lituânia fazia parte do império russo. Já a grafia Korsiski realiza-se conforme as regras ortográficas e morfológicas do idioma lituano. Falante poliglota, Carlos Korsiski foi considerado, por Monteiro, o vendedor ideal dos lotes, pois poderia vender os terrenos tanto a russos, quanto a lituanos, bem como aos demais possíveis compradores migrantes da região conhecida como o Leste Europeu, por também falar polonês e alemão, segundo relato de moradores antigos do bairro.

Na época de sua criação, houve a doação de dois terrenos no bairro da Vila Zelina: um para russos, eslavos e descendentes erguerem uma igreja ortodoxa, e outro para lituanos e seus descendentes construírem uma igreja católica:

A ideia de um empreendimento imobiliário na região de Vila Zelina combinou com a busca dos lituanos católicos por construir uma igreja. Cláudio Monteiro Soares Filho doou para a Comunidade Lituana Católica Romana de São José um terreno no centro da região, em 1934. De posse do terreno, o próximo passo foi buscar recursos (...) foram conseguidos (...) Em apenas dois anos a igreja (...) foi erguida sendo consagrada em 16 de fevereiro de 1936, rememorando o dia da independência da Lituânia. (ZEN, 2012, p.93)

Em 1931, a primeira igreja ortodoxa russa de São Paulo foi erguida em terreno doado pela família Giacolini na Vila Alpina. Na Vila Zelina, havia “A comunidade da Nossa Senhora da Proteção da Vila Zelina” a qual, apesar de já organizada em 1940, só conseguiu ter sede própria em 1960, construção custeada pela paróquia:

A sede própria foi construída em 1962 (...) pela comunidade paroquial, que naquele momento, era composta por russos e um grande número de iugoslavos ortodoxos, que passaram a frequentar a paróquia. Os iugoslavos, por não possuir uma igreja própria, foram acolhidos como povo irmão. O padre Nicolai Predaievitch, foi um dos primeiros (...) Ele sempre foi morador da Vila Zelina, servindo a comunidade ortodoxa até o último dos seus dias (VOROBIEFF, 2006, p.76).

Considerando a história do bairro, pode-se afirmar que a origem de seus primeiros moradores se faz presente não apenas na paisagem linguística da avenida, mas também na paisagem cultural do bairro marcada pela arquitetura dessas igrejas. Cabe aqui remontar a história da migração ao Brasil para se compreender quando, como e por quais motivos tanto russos quanto lituanos, emigraram de seus países de origem para o Brasil.

Nas primeiras décadas do século XIX, houve a onda migratória mais numerosa. Outra, com um número menor de migrantes, ocorreu entre 1940 e 1950. Segundo Zen (2012), na Lituânia, a primeira onda relaciona-se à instabilidade econômica e política no país logo após a conquista da independência. Nessa época, os lituanos que emigraram eram, em sua maioria, pessoas do meio rural e de origem humilde. A segunda, por sua vez, trouxe mais pessoas do meio urbano e com um grau maior de escolaridade⁹, como resultado do movimento migratório forçado dos deslocados de guerra, ao final da II Grande Guerra, quando foi instaurada União Soviética (ZEN, 2012, p. 8, p.138-142, p.163).

Vorobieff, por sua vez, inscreve as duas levas num só período assim descrito:

Esse período foi caracterizado pela expulsão de muita gente das terras russas. No período, houve (...) fuga do país composta por velhos crentes¹⁰ (...), mas a maior parcela de migrantes era composta por representantes do exército branco, militares de diferentes categorias (exército, marinha e a aeronáutica); principalmente os de altas patentes, além de muitos opositores ao novo regime, como grandes proprietários de terras, empresários dos mais variados setores econômicos, do clero e representantes da elite intelectual do país (VOROBIEFF, 2006, p.25).

Conforme se depreende dos estudos de Zen (2012) e de Vorobieff (2006) sobre a história do bairro, lituanos, russos e seus descendentes contribuíram para o surgimento e para a consolidação do bairro, contudo, ao longo da avenida principal predominam nomes que referenciam a comunidade lituana. Ao final da avenida, este padrão é quebrado pela nomeação, relativamente recente, de um nome que presta homenagem aos russos e, indiretamente, à comunidade russa no bairro. A análise de quem são os supostos interpretantes dos topônimos de como estão grafados pode ser aprofundada, resultando numa análise toponímica mais ampla, haja vista que a inclusão dessas questões enriqueceu a análise, a qual também se beneficiou dos estudos históricos de Zen (2012) e de Medeiros (2010) e dos estudos de Vorobieff (2006), inscritos na Geografia Cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa sobre os topônimos na paisagem linguística da Av. Zelina e adjacências mostrou, à primeira vista, a visibilidade de homenagens prestadas às origens de parte dos primeiros moradores do bairro: russos e lituanos. Cumpre informar que, para além da paisagem linguística, estas duas etnias caracterizam a paisagem arquitetônica da região, tendo em vista a igreja ortodoxa e a igreja católica erguidas no bairro. Na interface entre Toponímia e História, foi necessário também retomar a história da migração das populações lituana e russa ao Brasil.

⁹ Inclusive professores universitários, escritores, jornalistas e altos funcionários públicos.

¹⁰ Crente: aquele que professa uma religião protestante ou evangélica, em particular as de apelo mais popular. (MICHAELIS, 2016 s/p)

Tentou-se mostrar, ao longo deste artigo, que os topônimos, além de serem parte constitutiva da paisagem linguística do local em que se encontram, também são nomes carregados de história, a qual cumpre ser levada em consideração, devido a sua importância para a compreensão da escolha e do uso da corotoponímia, isto é, de nomes de lugares que fazem menção a outros nomes de lugares. Neste ponto, ocorre o encontro entre o estudo da paisagem linguística e da História que há por detrás da atribuição toponímica aos lugares, pois o conhecimento a respeito da história do bairro foi imprescindível para a compreensão de quais são os intérpretes almejados para o sinal. A consideração da paisagem linguística como parcela da paisagem cultural nos remete à interdisciplinaridade entre os estudos da Paisagem Linguística, a Toponomástica e a Geografia Cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOMMAERT, J. **Ethnography, Super-diversity and Linguistic Landscapes**. 2012. Disponível em: <<https://www.academia.edu/>>. Acesso em 18 de maio de 2016.
- CABRERA, G. T. Sobre Toponomástica. Disponível em: http://www.webs.ulpgc.es/canatlantico/pdf/8/7/Sobre_toponomastica.pdf, 2002.
- COIMBRA, Rosa Lídia; MOUTINHO, Lourdes de Castro. **Perfumaria Paris e Pizaria Romana**: topônimos europeus em nomes de empresas de Portugal. Revista da Universidade de Aveiro, n°1, p. 349-359;2012.
- COULMANS, F. Linguistic Landscaping and the seed of the public sphere. In: E. SHOHAMY; D. GORTER (org.), **Linguistic Landscape: expanding the scenery**. New York, Routledge, 2009, p. 13-14.
- CABRAL, Luiz Otavio. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, EDUFSC, v.41, n.1 e 2, 2007, p.141-155.
- COSERIU, Eugenio. **Nuevos rumbos en la toponomástica** prólogo a Maximiano Trapero, Dicionario de toponimia canaria: léxico de referencia oronímica, Las Palmas de Gran Canaria: Gobierno de Canarias, Consejería de Educación, Cultura y Deportes /Universidad Nacional de Educación a Distancia. Centro Asociado de Las Palmas de Gran Canaria, 1999, 15-24.
- CRENTE. In. DICIONÁRIO. **Michaelis**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/crente/>> .Acesso em 18 abr. 2018.
- DIAS, Reginaldo Benedito. **A história além das placas**: os nomes das ruas de Maringá (Pr) e a memória histórica. Revista História e Ensino. Londrina, v.6 p.103-120, 2000.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**: coletânea de estudo. São Paulo: [s.n.], 1987.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A Motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Atlas toponímico do Brasil**: teoria e prática II. In: Revista Trama, v. 3, n.5, I semestre de 2007. Disponível em: <<http://www.unioeste/saber>>. Acesso em: 31 maio. 2017.
- GOLUB, Dmítri.Praça em SP homenageia Pushkin. **Gazeta Russa**. 18 de jun de 2013.Disp.https://gazetarussa.com.br/arte/2013/06/18/praca_em_sp_homenageia_aleksandr_pushkin_19915.Acesso em 13 de jul. de 2017.
- OLIVEIRA, Anna Carolina. Vila Zelina: o Leste Europeu em São Paulo. São Paulo: **Revista Veja**, 26 de out de 2011.Acesso em 5 dez 2016.Disp.em <<http://vejasp.abril.com.br/cidades/vila-zelina-historia/>>.

MAHER, T. M. Ecos de resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C. et al. (Orgs.). **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, p. 117-134, 2013

MEDEIROS, Marcos Vinícios Gomes de. **O crescimento urbano industrial do bairro da Vila Prudente através dos clubes desportivos locais**. Trabalho final da disciplina Uma História para a cidade de São Paulo: um desafio pedagógico, ministrada pela Prof. Antônia Terra Calazans.FFLCH, USP, 2010.

SEEMANN, Jörn. **A Toponímia como construção histórico cultural**: os exemplos do município do estado do Ceará. Revista Vivência, nº 29, 2005. p. 207-224.

SILVA, Izabel da; SANTOS, Maria Elena Pires; JUNG, Neiva Maria. **Multilinguismo e política linguística**: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça. Revista Domínios da Linguagem, Uberlândia, vol. 10 nº 4 out/dez.2016, p. 1257-1277.

SOARES, Mariana Schuchter; LOMBARDI, Raquel Santos; SALGADO, Ana Claudia Peters. **Paisagem linguística e repertórios em tempos de diversidade: uma situação em perspectiva**. Revista Calidoscópico, vol 14,nº2, mai/ago.2016. p.209-218,

SHOHAMY, E. **Language Policy: hidden agendas and new approaches**. Routledge: Oxon, 2006. <https://doi.org/10.4324/9780203387962>

VOROBIEFF,Alexandre. **Identidade e memória da comunidade russa na cidade de São Paulo**. Tese de doutorado. Departamento de Geografia, FFLCH, USP, 2006.

ZEN, Erick Reis Godlauskas. Identidade em conflito. **Os imigrantes lituanos na Argentina, Brasil e Uruguai (1920-1955)**. Tese de doutorado, em História Social no Departamento de História da FFCH , USP, 2012.

Submetido em 21/04/2018

Aceito em 30/08/2018